Pedagogia interdisciplinar, p 31 ‘A afetividade na relação professor/aluno-2014- UNIP

(www.prefeitura.sp.gov.br) 2008 www.pedegogiaaopedaletra.com.br www.mec.gov.br – 30/08/2000.

A MUSICALIDADE E SEUS ASPECTOS DE APRENDIZAGEM

ALINE KAREN LACERDA DOS SANTOS

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar, por meio de pesquisa bibliográfica descritiva, subsídios para o trabalho do professor de Arte na área de Música. Este se dará pela apresentação de um breve histórico dos principais períodos em que a Música esteve intrinsecamente ligada aos grandes movimentos artísticos, notadamente os literários, e em seguida uma sucinta apresentação da legislação educacional sobre o ensino de Música no Brasil. Ao discorrer sobre a música e a sua trajetória dentro do currículo escolar, percebe-se que, apesar de sua inquestionável importância para o desenvolvimento, ainda é uma área pouco valorizada, uma vez que é possível verificar uma tendência de que a prática da utilização do recurso musical na Educação Infantil se dá de maneira informal e pouco subsidiada por fundamentações teóricas, efetivada por ações individuais e experimentalistas.

Palavras-chave: Educação; Desenvolvimento; Música; Repertório; Som.

INTRODUÇÃO

A Base Nacional Curricular explicita, em poucas palavras, uma definição de música e a forma básica de construção do conhecimento na área:

A música é a expressão artística que se materializa por meio dos sons, que ganham forma, sentido e significado no âmbito tanto da sensibilidade subjetiva quanto das interações sociais, como resultado de saberes e valores diversos estabelecidos no domínio de cada cultura (BRASIL, 2018, p. 196).

O aprendizado da música na atualidade não pode ser distanciado da ideia do que é música, é parte dessa premissa a necessidade de trazer a realidade sonora do estudante para a sala de aula, além de trabalhar com sons diversos e conceitos de paisagem sonora. Ainda, as práticas musicais e auditivas têm a função de cultivar múltiplas escutas, nas quais a diversidade musical é intensa, com o objetivo de ampliar os horizontes dos estudantes.

A música está presente no cotidiano da criança, cabendo ao professor e a escola favorecer e explorar esses momentos, favorecendo a expressão espontânea infantil, além de proporcionar a interação, socialização, desenvolvimento e potencialização das habilidades humanas, como capacidade cognitiva, motora, afetiva, entre outras (DREW, 2009).

A musicalização contribui muito na vida do aluno não somente no seu ambiente escolar, como na vida de forma geral, pois com a música se tem a oportunidade de atuar de uma forma efetiva no mundo, participando, criticando, sugerindo, desenvolvendo alguns aspectos como a criatividade, memorização, coordenação, vocabulário, entre novos conhecimentos.

É de suma importância de se trabalhar a música com a educação infantil e séries iniciais, sendo que a continuidade da educação se faz diferença quando se é colocado esse elemento dentro do âmbito escolar, onde os educandos possam interpretar, se expressar, criar melodias, compor e além de todo o desenvolvimento psicossocial, mental, linguístico, social, verbal, aumenta a capacidade de memorização auditiva, observação, discriminação e reconhecimento de sons, fazendo com que ele desenvolve essas habilidades, podendo ser trabalhadas dentro ou fora da sala de aula, dando essa liberdade aos educadores e educando, tornando assim a instituição educacional mais prazerosa, trazendo a música como uma grande aliada a uma ferramenta pedagógica.

A relevância do estudo proposto encontra-se em considerar a música como elemento de viabilização do desenvolvimento infantil para além da recreação. Compreendendo que a aprendizagem oral e escrita não se resume apenas em decifrar signos linguísticos, esse trabalho com músicas e brincadeiras cantadas tem a finalidade de situar os alunos no mundo do letramento através do lúdico.

Utilizando uma atitude de prática inovadora na aprendizagem do ler e escrever, é possível reforçar a expressão oral para que os alunos percebam a leitura como algo prazeroso e necessário. Para o alcance dos objetivos e desenvolvimento da pesquisa, fez-se uso de revisão bibliográfica, estabelecendo o debate entre autores que abordam temas pertinentes ao estudo. Foram, para isso, utilizados livros, periódicos e artigos científicos, revistas e textos oficiais.

A educação musical representa um importante papel para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, durante a Educação Infantil, diante da adoção de práticas pedagógicas fundamentadas em eixos norteadores embasados nas interações e na brincadeira

como instrumento de ensino (SOUZA, 2012).

A importância deste trabalho justifica-se na necessidade de aproximar a educação musical da Educação Infantil, evidenciando os benefícios da música para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, considerando as possibilidades de estratégias de ensino que atendam às exigências curriculares, proporcionando referências ao aprender infantil, a partir de um trabalho integrador e significativo. Para tanto, utilizou-se como metodologia um levantamento bibliográfico, a fim de analisar as bases teóricas que discorrem acerca da temática, permitindo a observação da evolução da educação musical, enfatizando sua abordagem na Educação Infantil, relacionando os benefícios do trabalho com a música de maneira interdisciplinar (SALLES, 2012).

A AFETIVIDADE NA FORMAÇÃO CEREBRAL E NA APRENDIZAGEM

Conforme Perry (2012), os estímulos recebidos do meio pelas crianças não devem ser quaisquer estímulos, precisam ser de qualidade, variados e frequentes, contextualizados e significativos. Tais estímulos serão os ativadores dos circuitos neuronais importantes para toda aprendizagem.

O autor acima, estudou os casos de abandono, desnutrição e exposição às drogas durante a gravidez, e descobriu diferenças significativas no desenvolvimento de dois cérebros infantis, quando uma das crianças não foi tratada com afetividade por sua mãe ou responsável, durante os três primeiros anos de sua vida. Por isso é tão necessária a afetividade durante o processo de crescimento das crianças ainda bem pequenas, pois se a criança for negligenciada e abusada, seu cérebro fatalmente será bem menor em relação ao da criança tratada com afeto. Assim, este neurocientista enfatiza a importância da interação mãe & bebê para um bom desenvolvimento cerebral, pois é nesta fase que muitas células cerebrais são produzidas.

Outra importante descoberta das Neurociências é a ideia de que a aprendizagem ocorre a partir de um conhecimento já consolidado do indivíduo, portanto, o cérebro é recursivo:

> [...] através dos estudos sobre o cérebro: a aprendizagem e a memória estão intimamente ligadas à emoção. O sistema límbico, responsável por controlar o comportamento emocional e motivacional, é ativado de forma positiva quando a aprendizagem está ligada a boas sensações, tais como a alegria, a descontração e o prazer, fazendo com que as aprendizagens sejam consolidadas e o sistema cerebral de recompensa seja ativado, o que gera a vontade de repetir a boa experiência (GRANDO, 2013, p. 28).

Em outras palavras, as dimensões afetiva, cognitiva e motora precisam ser vistas em sua integração e totalidade, pois a pessoa é uma totalidade, constituída por meio de uma rede de relações entre os fatores orgânicos e socioculturais do meio do qual faz parte. Desta maneira, é bom lembrar que professor e aluno se afetam mutuamente e desse afetar depende o sucesso ou insucesso no processo ensino- -aprendizagem. As situações de conflito entre professor e aluno no cotidiano escolar, demonstram que as contradições e complexidades existem e são essenciais para a mobilização e o crescimento do indivíduo. O educando vai se desenvolvendo em função das exigências que o meio escolar coloca; na passagem de uma etapa para outra, o educando tem que desenvolver novas habilidades para dar conta das exigências que o meio escolar coloca; assim, o conflito é o motor do desenvolvimento e não fator negativo nas relações. Contudo, é bom frisar que com afetividade tudo se torna mais fácil (GRANDO, 2013).

Nesse sentido, a relação professor-aluno torna-se positiva quando o professor se permite ouvir e enxergar o aluno em sua totalidade e concretude, respeitando cada estágio do seu desenvolvimento e buscando (propiciando) condições para a emergência de habilidades e conhecimentos apropriados. "É acolher e impulsionar" (WALLON, 2007, p. 163).

Apesar de semanticamente parecerem significar a mesma coisa, emoção e afetividade são diferentes na teoria de Wallon (2007). A afetividade possui um caráter mais abrangente, levando à capacidade do indivíduo de ser afetado pelo mundo externo ou interno, gerando bemestar ou mal-estar. Nesse sentido, a afetividade pode ser identificada em duas vertentes, uma de origem orgânica e outra de origem social.

A afetividade tem origem orgânica quando os motivos que provocam os estados de bemestar e mal-estar estão ligados aos estímulos internos ou externos recebidos pelo organismo, gerando reflexos, contrações musculares, etc. E a afetividade tem origem social quando os motivos que provocam os estados de bem-estar e mal-estar envolvem a sensibilidade ao outro (WALLON, 2007).

De acordo com Scarpato (2006), a afetividade é uma categoria macro em Henri Wallon, pois integra as relações afetivas, como a emoção, o sentimento e a paixão. O desenvolvimento da afetividade ocorre na interação entre o orgânico e o social. As emoções são manifestações orgânicas, os sentimentos são exteriorizados a partir do orgânico, e a paixão para desenvolverse precisa do equilíbrio entre sentimentos e emoções. Assim, a emoção se manifesta repleta de componentes orgânicos e tônicos, expressos de modo instantâneo. Já o sentimento se origina de reações reflexivas, sendo mais duradouro.

Percebe-se, com isso, que a emoção possui três mecanismos de ação claramente

observáveis socialmente: contagiosidade, ou seja, a capacidade de contagiar as pessoas próximas, a regressividade, que é a possibilidade de retornar a um raciocínio, e a plasticidade, que demonstra no corpo os sinais da emoção. A emoção usa o corpo como veículo de expressão para o meio social, como expressões faciais e posturais, e até alterações mais fisiológicas, como pulso acelerado, sudorese etc. (SCARPATO, 2006).

A ARTE E A MÚSICA

Conforme observação e atuação, viu-se que classes de Alfabetização de escolas públicas e até particulares, em sua grande maioria, seguem padrões semiprontos, com métodos definidos, acompanhados de um processo de ensino imposto e voltado exclusivamente para o produto final. Embora na escola privada a Arte tenha um cuidado mais especial, isso ainda não significou uma integração com outras disciplinas. Em relação à integração da linguagem artística ao processo de ensino muito pouco foi visto ou feito a respeito.

Para entender melhor o papel da Arte como elemento na aprendizagem e desenvolvimento criativo e reflexivo das crianças, é preciso antes percebê-la como uma das manifestações mais antigas da humanidade, em que desde os tempos mais remotos, o homem se expressava por meio de danças, desenhos, sons em forma de música, enfim, através das linguagens artísticas. Através de registros como a pintura rupestre, egípcia, entre outros, podemos delinear o modo de vida, as crenças e os ideais dos mesmos. Antes mesmo da escrita, desenhos eram feitos em cavernas, sons eram produzidos e o corpo era usado como forma de expressão.

O interesse e o termo Arte-Educação surgem no país por volta da década de 70, depois de acompanhar os fundamentos metodológicos da Escola Nova e da Educação através da Arte de Herbert Read, com o propósito de propor uma ação educativa criadora, ativa e centrada no aluno. Se antes, na Pedagogia Tradicional, a arte era voltada mais para um fazer técnico e reprodutivista (cópia), a Pedagogia Nova, entretanto, como afirma Saviani (2000, p. 09) traz uma visão distinta, visto que "(...) deslocou o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento; do aspecto lógico para o psicológico...". Aproveitando o marco que foi a Semana de Arte Moderna com sua característica inovadora e nacional, o interesse pela Arte das e para as Crianças aumentou significativamente; na Educação, isso consistia, segundo Fusari (1993), em "uma aprendizagem que acompanhava o desenvolvimento natural do indivíduo não só em seus aspectos intelectuais, mas também sociais, emocionais, perceptivos, físicos e psicológicos". Desenvolve-se, assim, de uma forma livre e flexível, a sensibilidade e os sentidos.

A MÚSICA NA EDUCAÇÃO

A partir do ano de 2008, com a implementação da Lei nº 11.769, determinando que as escolas brasileiras incluam o ensino da música no processo de ensino-aprendizagem, a organização curricular por campos de experiências passou a atender as diretrizes legais e valorizar a prática pedagógica, que tem como eixos a interação e a brincadeira (COSTA, 2016).

Desde o momento do nascimento, as crianças já estão imersas em um mundo de sons, quando nas primeiras semanas de vida, os bebês são capazes de distinguir claramente a voz humana de outras fontes sonoras. Assim, os sons e a música constituem uma fonte importante de conexão cultural (PONSO, 2014). Durante a permanência no ambiente do berçário, o repertório da criança será ampliado e novos sons passarão a fazer parte do mundo do bebê, sendo fundamental o conhecimento aos professores de a voz, as brincadeiras sonoras e as canções permitem a abertura de um canal comunicativo, provocando diferentes reações, bemestar, alegria, susto, medo ou curiosidade (KRIEGER, 2008).

A partir da educação musical, o cérebro consegue usar sua memória de longo prazo; realizar planejamentos; usar a memória de trabalho, necessária para a execução e correção de cada segmento musical; usar habilidades motoras, transformando a memória de longo prazo; executar os movimentos físicos; atentar para a qualidade da performance (BRITO, 2008, p.54).

Deste modo, o estímulo musical permite ao indivíduo, desde a fase da Educação Infantil, o desenvolvimento lógico do pensamento, proporcionando a potencialização de habilidades que transformam sua memória e permitem o planejamento de ações, direcionado à aquisição de múltiplas habilidades. O professor, por sua vez, representa um papel fundamental na organização das situações em que o grupo de crianças acompanhe seu canto, cabendo a adoção de objetos e instrumentos musicais, a fim de trabalhar a coordenação rítmica. Sendo assim, a escolha pelo repertório de músicas deve ser ampla e diversificada, possibilitando às crianças condições de identificar, reconhecer elementos, desenvolver preferências musicais e movimentação corporal (PONSO, 2014).

De acordo com Sekeff (2012), existem diferentes gêneros musicais, como o samba, os cantos gregorianos, o rap, a música popular brasileira, entre outros tipos que refletem as expressões sonoras, caracterizando a identidade cultural das comunidades e grupos sociais, direcionando às influências infantis, dependendo das preferências musicais das pessoas que compõem a realidade da criança. "A música às crianças ainda permite a relação de melodias e harmonias, favorecendo a organização a partir da identificação de ritmos,

além de proporcionar a expressão dinâmica" (BRITO, 2008, p. 29).

Portanto, o cotidiano das crianças está repleto de variações sonoras, permitindo a percepção e reprodução, quando em contato com instrumentos musicais, favorecendo a organização e atenção. Os jogos cantados são uma opção de estratégia de aprendizagem que direcionam a criança ao movimento da música, a partir da composição e improvisação de uma canção durante o brincar, representando atividades importantes para o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil. A música deve estar inserida no contexto escolar para valorização do saber infantil e ampliação dos valores estéticos e imaginário, transformando o aprendizado em algo significativo (KRIEGER, 2008).

Segundo Brougére:

Os adultos também produzem muitas músicas para crianças, porém a riqueza do processo de construção da cultura lúdica, bem como sua complexidade, consiste no fato de que a criança interage e produz seus próprios significados em relações às produções culturais dos adultos para as crianças (Brougère 1992 apud BRITO, 2008, p.62).

Portanto, as crianças podem ouvir diferentes tipos de música, geralmente produzidas por adultos, apresentando uma visão estereotipada e infantilizada sobre o universo das crianças, que acabam ampliando e construindo novas referências musicais a partir da vivência coletiva, favorecendo a apropriação e expressão espontânea. A escola precisa oferecer espaço para que as crianças exerçam a musicalidade, por meio de práticas pedagógicas que visam potencializar as atividades musicais em espaços disponibilizados, a fim de construir uma educação musical na infância, que contribua para formação de pessoas mais sensíveis e críticas (PONSO, 2014).

Segundo Sekeff (2012), para a Educação Infantil, e musicalização determina a construção de um conhecimento musical significativo, permitindo às crianças a aprendizagem de três eixos significativos na educação musical: o apreciar, que corresponde às possibilidades musicais oferecidas na escola; o fazer, determinando a interpretação, execução e produção musical; o contextualizar, representando o conhecimento histórico e cultural dos gêneros musicais. O processo de musicalização objetiva transformar a criança em um ouvinte sensível à música, estimulando-se o desenvolvimento dos aspectos afetivo, social, cognitivo, sensorial, emocional, físico, cultural e o imaginário. A principal finalidade da educação musical é desenvolver a musicalidade existente na criança, considerando a música pertencente à cultura humana e presente em nosso cotidiano (BRITO, 2008).

Durante a fase da Educação Infantil, a criança precisa aprender a apreciar a música, a partir do desenvolvimento da escuta sonora. Além disso, as estratégias pedagógicas docentes precisam intencionar a produção musical, oportunizar situações de criação, improvisação, execução e interpretação, a fim de possibilitar o desenvolvimento do senso musical, a sensibilidade, a expressão, o ritmo, a escuta consciente, inserindo a criança no mundo musical e sonoro (SEKEFF, 2012).

Para Krieger (2008), quanto à contextualização musical, o professor da Educação Infantil precisa trabalhar informações sobre a história da música, o compositor, o período, a época, o local e estrutura das produções musicais, elementos que constituem os movimentos musicais sociais, favorecendo o conhecimento e as reflexões sobre as músicas que são trabalhadas em sala de aula. A educação musical precisa ser significativa para a criança e contextualizada no processo de ensino-aprendizagem, considerando a necessidade de um contexto musical que apresenta sentido, como por exemplo, trabalhar uma atividade que envolve a escuta das vozes dos animais, determinando um significado para a criança, que consegue assimilar à realidade (DREW, 2009).

Desse modo, a musicalização não pode ser reduzida à educação pela música, pois esta forma de concepção significa utilizar a música como suporte para desenvolver outras áreas do conhecimento escolar, como a alfabetização, o raciocínio lógico e matemático, a socialização, entre outras. A música é um conhecimento que possui conteúdos próprios, os quais devem ser trabalhados na Educação Infantil (KRIEGER, 2008).

De acordo Brito (2008), a escola deve proporcionar, além de formação e desenvolvimento das habilidades, a afetividade, alegria, prazer e demais sensações positivas oportunizadas pela música na escola. Quando brincam, as crianças utilizam os sons de maneira espontânea, criando musicais, favorecendo a aprendizagem. Caso não ocorra o estímulo dessa atitude, iniciativa musical tende ao desaparecimento. Desde o início da infância, a criança é capaz de apreender a linguagem musical, refletindo na importância da educação musical já na Educação Infantil, proporcionando à criança o desenvolvimento da escuta, percepção auditiva, bem como a construção de análises e síntese auditivas (COSTA, 2016).

Para Brito (2008, p.70): "A educação musical não objetiva a formação de músicos, mas o desenvolvimento integral das habilidades infantis, pois musicalizar é educar a escuta do mundo e de si próprio". Na Educação Infantil, o trabalho musical deve reunir uma variedade de fontes sonoras, com materiais produtores ou propagadores de sons, além da confecção de objetos sonoros adequados à faixa etária, cabendo ao professor valorizar os brinquedos populares, construídos e comercializados, desde que possibilite a aprendizagem às crianças (KRIEGER, 2008).

De acordo com Ponso (2014), a construção de instrumentos enriquece o trabalho pedagógico e amplia o entendimento de questões como qualidade e funcionamento adequado do instrumento, favorecendo a elaboração de projetos e a criatividade, além da conexão com a cultura e com a origem do instrumento, de maneira interdisciplinar. O primeiro instrumento musical é representado pela voz, considerando um meio de comunicação e expressão desde o nascimento. A voz possibilita o cantar, imitar, contar os ritmos, movimentação, entre outros aspectos, cabendo a participação docente, que precisa cantar e brincar com as crianças, oportunizando a expressão musical, oferecendo à criança diferentes gêneros, desde o tradicional e momentâneo, ao popular e regional (SEKEFF, 2012).

Portanto, o trabalho com música permite diferentes estratégias, atendendo de maneira ampla as necessidades da criança. Além de cantar e brincar, o professor da Educação Infantil pode trabalhar com improvisações, integrar som e movimento, utilizar do recurso da música durante a contação de história, como também de instrumento musicais (BRITO, 2008).

Na Educação Infantil, quando se trata de currículo ou organização curricular, muitas dificuldades são encontradas ao longo das décadas, diante das possibilidades e desafios para a elaboração e construção de propostas que atendam ao máximo as necessidades infantis, potencializando e desenvolvendo as habilidades da criança (MOREIRA, 2009).

Para Penna (2008), em diferentes momentos da história da educação, o currículo tratavase de uma listagem prévia de conteúdos disciplinares, em que diferentes aprendizagens não eram consideradas relevantes, refletindo na exclusão de habilidades, superficialidade e ausência do tratamento de conceitos importantes. Nos últimos anos, essa visão passou a ser substituída por uma compreensão mais ampla. O currículo passou a ser concebido a partir das crianças e de suas relações, como construção, articulação e produção de aprendizagens (SNYDERS, 2012).

A RELAÇÃO ENTRE MÚSICA E EDUCAÇÃO

A utilização da música no contexto escolar proporciona que a escuta coloque o aluno diante de um patrimônio cultural musical, como também da grande gama de sons que ele vive. O homem vive rodeado de uma sinfonia de sons e que estes têm diferentes propriedades que quando manipulados ou ouvidos individualmente, demonstram suas diferenças. Além disso, dentre as diversas possibilidades e intenções do trabalho educacional com música, estão aspectos como:

[...] auxiliar crianças, adolescentes e jovens no processo de apropriação, transmissão e criação de práticas músico-culturais como parte da construção de sua cidadania. O objetivo primeiro da educação musical é facilitar o acesso à multiplicidade de manifestações musicais da nossa cultura, bem como possibilitar a compreensão de manifestações musicais de culturas mais distantes. Além disso, o trabalho com música envolve a construção de identidades culturais de nossas crianças, adolescentes e jovens e o desenvolvimento de habilidades interpessoais (HENTSCHKE; DEL BEM, 2003, p.181).

Segundo as autoras, o professor deve propiciar aos alunos um contato com uma gama maior de estilos e gêneros, proporcionando a diversidade e expandindo o universo musical dos mesmos. Dessa forma, o professor acaba fortalecendo traços culturais dos indivíduos e também pode fazer com que entendam e respeitem os gostos e a cultura de outras pessoas. É importante lembrar que a música assume diferentes significados dependendo de cada cultura, segundo Penna (2008, p.21):

[...] uma linguagem cultural, consideramos familiar aquele tipo de música que faz parte de nossa vivência; justamente porque o fazer parte de nossa vivência permite que nós nos familiarizamos com os seus princípios de organização sonora, o que torna uma música significativa para nós (PENNA, 2008, p. 21).

Importa lembrar que cada pessoa tem um repertório sonoro acumulado, memorizado que acompanha qualquer cidadão por toda vida. É natural que o ser humano estabeleça relação, fazendo vínculos e acostumando-se com padrões de organização o que nos permite estabelecer vínculos com pessoas, costumes e tradições do local onde vivemos. Dessa forma:

[...] a compreensão da música, ou mesmo a sensibilidade a ela, tem por base um padrão culturalmente compartilhado para a organização dos sons numa linguagem artística, padrão este que, socialmente construído, é socialmente apreendido – pela vivência, pelo contato cotidiano, pela familiarização – embora também possa ser aprendido na escola (PENNA, 2008, p. 29).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento musical no Brasil, infelizmente, está restrito a extraclasse, geralmente fora da escola. Por esse motivo há tanta carência de conhecimento musical, de apreciação de música de qualidade, com composições que sejam harmônicas, que soem bem aos ouvidos. É necessário estar sempre em formação para buscar novos horizontes, afinal, a música é movimento, não é estática; não existe música sem movimento; música é a variação dos sons, de intensidade, de altura, de ritmos.

Se música é movimento e a criança